

HA DOIS MIL ANOS...

PRIMEIRA PARTE

I

DOIS AMIGOS

Os últimos clarões da tarde haviam caído sobre o casario romano.

As águas do Tibre, ladeando o Aventino, deixavam retratados os derradeiros reflexos do crepúsculo, enquanto nas ruas estreitas passavam liteiras apressadas, sustentadas por escravos musculosos e lépidos.

Nuvens pesadas amontoavam-se na atmosfera, anunciando aguaceiros próximos e as últimas janelas das residências particulares e coletivas fechavam-se, com estrépito, ao sôpro forte dos primeiros ventos da noite.

Entre as construções elegantes e sóbrias, que exibiam mármore preciosos, no sopé da colina, um edifício havia que reclamava a atenção do forasteiro pela singularidade das suas colunas severas e majestosas. Uma vista de olhos ao seu exterior indicava a posição do proprietário, dado o aspecto caprichoso e imponente.

Era, de fato, a residência do senador Públio Lentulus Cornelius, homem ainda moço, que, à maneira da época, exercia no Senado funções legislativas e judiciais, de acôrdo com os direitos que lhe competiam, como descendente de antiga família de senadores e cônsules da República.

O Império, fundado com Augusto, havia limitado os

poderes senatoriais, cujos detentores não exerciam nenhuma influência direta nos assuntos privativos do governo imperial, mas mantivera a hereditariedade dos títulos e dignidades das famílias patricias, estabelecendo as mais nítidas linhas de separação das classes, na hierarquia social.

São sete horas da noite de um dia de maio de 31 da nossa era. Públio Lentulus, em companhia do seu amigo Flaminio Severus, reclinado no triclinio, termina o jantar, enquanto Livia, a esposa, expede ordens domésticas a uma jovem escrava etrusca.

O anfitrião era um homem relativamente jovem, aparentando menos de trinta anos de idade, não obstante o seu perfil orgulhoso e austero, aliado á túnica de ampla barra purpúrea, que impunha certo respeito a quantos se lhe aproximavam, contrastando com o amigo que, revestindo a mesma indumentária de senador, deixava entrever idade madura, iluminada de câs precoces, em penhor, de bondade e experiência da vida.

Deixando a jovem senhora entregue aos cuidados domésticos, ambos se dirigiram ao peristilo, por buscarem um pouco de oxigênio da noite cálida, embora o aspecto ameaçador do firmamento denunciasses chuva iminente.

— “A verdade, meu caro Públio — exclamava Flaminio, pensativo — é que te consomes a olhos vistos. Trata-se de uma situação que precisa modificar-se sem perda de tempo. Já recorreste a todos os facultativos no caso de tua filhinha?

— “Infelizmente — retorquia o patricio com amargura — já lancei mão de todos os recursos ao nosso alcance. Ainda nestes últimos dias, minha pobre Livia levou-a a distrair-se em nossa vivenda do Tibur, procurando um dos melhores médicos da cidade, que afirmou tratar-se de um caso sem solução na ciência dos nossos dias. O facultativo não chegou a positivar o diagnóstico, certamente em razão da sua comiserção pela doentinha e pelo nosso paternal desespêro; mas, segundo nossas observações, acreditamos que o médico de Tibur presume tratar-se de um caso de lepra.

— Semelhante presunção é atrevida e absurda!

— Entretanto, se podemos estabelecer uma dúvida com relação aos nossos antepassados, sabes que Roma está cheia de escravos de todas as regiões do mundo e são eles o instrumento de nossos trabalhos de cada dia.

— E' verdade... — concordou Flaminio com amargura.

Um laivo de perspectivas sombrias transparecia na fronte dos dois amigos, enquanto as primeiras gôtas de chuva satisfaziam a sede das roseiras floridas, que enfeitavam as colunas graciosas e claras.

— E o pequeno Plínio? — perguntou Públio, como desejoso de proporcionar novo rumo á conversação.

— Esse, como sabes, continúa sadio, demonstrando ótimas disposições. Calpúrnio atrapalha-se, a cada momento, para satisfazer-lhe os caprichos dos doze anos incompletos. Às vezes, é voluntarioso e rebelde, contrariando as observações do velho Parménides, só se entregando aos exercícios da ginástica quando muito bem lhe apraz; no entanto, tem grande predileção pelos cavalos. Imagina que, num momento de irreflexão própria da idade, burlando toda a vigilância do irmão, concorreu a uma tirada de bigas realizada nos treinos comuns de um estabelecimento esportivo do Campo de Marte, obtendo um dos lugares de maior destaque. Quando contemplo meus dois filhos, lembro-me sempre da tua pequena Flávia Lentúlia, porque bem sabes dos meus propósitos para o futuro, no sentido de estreitar os antigos laços que prendem as nossas famílias.

Públio ouvia o amigo, calado, como se a inveja lhe espicaçasse o coração carinhoso de pai.

— Todavia — revidou — apesar de nossos projectos, os áugures não favorecem nossas esperanças, porque a verdade é que a minha pobre filha, com todos os nossos cuidados, parece mais uma dessas infelizes criaturinhas atiradas ao Velabro.

— Contudo, confiemos na magnanimidade dos deuses...

— Dos deuses? — repetiu Públio com mal disfarçado desalento. A propósito dêsse recurso imponderável,

tenho escogitado mil teorias no cérebro fervilhante. Ha tempos, em visita á tua casa, tive ocasião de conhecer mais intimamente o teu velho liberto grego. Parménides falou-me da sua mocidade e permanência na Índia, dando-me conta das crenças hindús, com as suas cousas misteriosas da alma. Acreditas que cada um de nós possa regressar, depois da morte, ao teatro da vida, em outros corpos?

— De modo algum — replicou Flaminio energicamente — Parménides, não obstante o seu carater precioso, leva muito longe as suas divagações espirituais.

— Entretanto, meu amigo, começo a pensar que êle tem razão. Como poderíamos explicar a diversidade da sorte neste mundo? Por que a opulência dos nossos bairros aristocráticos e as misérias do Esquilino? A fé no poder dos deuses não consegue elucidar êsses problemas torturantes. Vendo minha desventurada filhinha com a carne dilacerada e apodrecida, sinto que o teu escravo está com a verdade. Que teria feito a pequena Flávia, nos seus sete anos incompletos, para merecer tão horrendo castigo das potências celestiais? Que alegria poderiam encontrar as nossas divindades nos soluços de uma criança e nas lágrimas dolorosas que nos calcinam o coração? Não será mais compreensível e aceitável que tenhamos vindo de longe com as nossas dívidas para com os poderes do Céu?

Flaminio Severus meneou a cabeça, como quem deseja afastar uma dúvida, mas, retomando o seu aspécto habitual, obtemperou com firmeza:

— Fazes mal em alimentar semelhantes conjeturas no teu fôro íntimo. Nos meus quarenta e cinco anos de existência não conheço crenças mais preciosas do que as nossas, no culto venerável dos antepassados. E' preciso considerares que a diversidade das posições sociais é um problema oriundo da nossa arregimentação política, a única que estabeleceu uma divisão nítida entre os valores e os esforços de cada um, em face da miséria espiritual dos outros povos; quanto á questão dos sofrimentos, convem lembrar que os deuses podem experimentar nossas virtudes morais, com as maiores amea-

ças á enfibratura do nosso ânimo, sem que necessitemos adotar os absurdos princípios dos egípcios e dos gregos, princípios, aliás, que já os reduziram ao aniquilamento e ao cativoiro. Já ofereceste algum sacrifício no templo, depois de tão angustiosas dúvidas?

— Tenho sacrificado aos deuses, segundo os nossos hábitos, — respondeu Públio compungidamente — e ninguém mais que eu se orgulha das gloriosas virtudes de nossas tradições familiares. Entretanto, minhas observações não surgem tão somente a propósito da filhinha. Ha muitos dias, ando torturado com o espantoso enigma de um sonho.

— Um sonho? Como pode a fantasia modificar, dêsse modo, o valor de um patricio?

Públio Lentulus recebeu a pergunta mergulhado em profundas cismas. Seus olhos parados presumiam devorar uma paisagem que o tempo distanciara no transcurso dos anos.

A chuva, agora, em bategas pesadas, caía continuamente, fazendo os mais fortes transbordamentos do implúvio e representando-se na piscina que enfeitava o páteo do peristilo.

Os dois amigos haviam-se recolhido a um largo banco de mármore, reclinando-se nos estofos orientais que o forravam, prosseguindo na palestra amistosa.

— Sonhos ha, — prosseguiu Públio — que se distinguem da fantasia, tal a sua expressão de realidade irretorquível.

Voltava eu de uma reunião no Senado, onde havia-mos discutido um problema de profunda delicadeza moral, quando me senti presa de inexplicável abatimento.

Recolhi-me cedo e, quando parecia divisar, junto de mim a imagem de Témis, que guardamos no altar doméstico, considerando as singulares obrigações de quem exerce as funções da justiça senti que uma força extraordinária selava-me as palpebras cansadas e doloridas. No entanto, via outros lugares, reconhecendo paisagens familiares ao meu espírito, das quais me havia esquecido inteiramente.

Realidade ou sonho, não o sei dizer, mas vi-me reves-

tido das insignias de cônsul, ao tempo da República. Parecia-me haver retrocedido á época de Lúcio Sergius Catilina, pois via-o ao meu lado, bem como a Cícero, que se me figuravam duas personificações, do mal e do bem. Sentia-me ligado ao primeiro através de laços fortes e indestrutíveis, como se estivesse vivendo a época tenebrosa da sua conspiração contra o Senado e participando, com êle, da trama ignominiosa que visava a mais íntima organização da República. Prestigiava-lhe as intenções criminosas, aderindo a todos os seus projectos com a minha autoridade administrativa, assumindo a direcção de reuniões secretas, onde decretei assassínatos nefandos... Num relâmpago, reviví toda a tragédia, sentindo que minhas mãos estavam nodoadas do sangue e das lágrimas dos inocentes. Contemplei, atemorizado, como se estivesse regressando involuntariamente a um pretérito obscuro e doloroso, a rede de infâmias perpetradas com a revolução em boa hora esmagada pela influência de Cícero, e o detalhe mais terrível é que eu havia assumido um dos papéis mais importantes e salientes na ignominia... Todos os quadros hediondos do tempo passaram, então, á frente dos meus olhos espantados e ensandecidos...

Todavia, o que mais me humilhava nessas visões do passado culposo, como se a minha personalidade atual se envergonhasse de semelhantes reminiscências, é que me prevalecia da autoridade e do poder para, aproveitando a situação, exercer as mais acerbas vinganças contra inimigos pessoais, contra quem expedia ordens de prisão, sob acusações mais terríveis. E, ao meu coração desalmado não bastava o recolhimento dos inimigos aos calabouços infectos, com a consequente separação dos afetos mais raros e mais doces, da família. Ordenei a execução de muitos na escuridão da noite, acrescentando a circunstância de que a muitos adversários políticos mandei arrancar os olhos, na minha presença, contemplando-lhes os tormentos com a frieza brutal das vinditas cruéis!... Ai de mim, que espalhava a desolação e a desventura em tantas almas, porque um dia, os oprimidos se lembraram de eliminar o verdugo cruel!

Depois de toda a série de escândalos que me afastaram do Consulado, senti o término dos meus atos infames e misérrimos, frente à turba inconciente e furiosa, que me condenou ao terrível suplício do estrangulamento, experimentando, então, todos os tormentos e as angústias da morte...

O mais interessante, porém, é que reví o inenarrável instante da minha passagem pelas águas escuras do Aqueronte, quando me parecia haver descido aos lugares sombrios do Averno, onde não penetram as clari-
dades dos deuses. A grande multidão de vítimas acorreu-se, então, de minha alma angustiada e sofredora, reclamando justiça e reparação e rebentando em clamores e soluços que me pareciam no recôndito do coração.

Por quanto tempo estive, assim, prisioneiro dêsse martírio indefinível? Não sei dizê-lo. Apenas me recordo haver lobrigado a figura celeste de Livia, que, no seio dêsse turbilhão de pavores, estendia-me as mãos fúlgidas e carinhosas.

Figurava-se que minha espôsa era-me familiar de épocas remotíssimas porque não hesitei um instante em lhe tomar as mãos suaves, que me conduziram a um tribunal onde se alinhavam figuras estranhas e venerandas. Cãs respeitáveis aureolavam o semblante sereno dêsses juizes do céu, emissários dos deuses para o julgamento dos homens da terra. A atmosfera caracterizava-se por uma estranha leveza, cheia de luzes cariciosas que iluminavam, perante todos os presentes, os meus pensamentos mais secretos.

Livia devia ser o meu anjo-tutelar nêsse conselho de magistrados intangíveis, porque a sua dextra pairava sôbre a minha cabeça, como a impôr-me resignação e serenidade, afim de ouvir as sentenças supremas.

Desnecessário será dizer-te do meu espanto e do meu receio, diante dêsse tribunal que eu desconhecia, quando a figura daquele que me pareceu a sua autoridade central dirigiu-me a palavra, exclamando:

— Públio Lentulus, a justiça dos deuses, na sua misericórdia, determina a tua volta ao turbilhão das

lutas do mundo, para que laves as nódoas de tuas culpas nos prantos remissores. Viverás numa época de maravilhosos fulgores espirituais, lutando com todas as provações e dificuldades, não obstante o berço de ouro que te receberá ao renasceres, afim-de que edifiques a tua consciência denegrida nas dores que purificam e regeneram!... Feliz de ti se bem souberes aproveitar a oportunidade bendita da reabilitação pela renúncia e pela humildade... Hemos determinado que serás poderoso e rico, para que o teu desprendimento dos caminhos humanos seja mais valioso para os teus mentores espirituais, no instante preciso. Terás a inteligência e a saúde, a fortuna e a autoridade, como ensanchas á regeneração integral de tua alma, porque chegará um momento em que serás compelido a desprezar todas as riquezas e todos os valores sociais, se bem souberes preparar o coração para a nova senda de amor e humildade, de tolerância e perdão, que será rasgada, em breves anos, á face escura da Terra!... A vida é um jôgo de circunstâncias que todo o espírito deve entrosar para o bem, no mecanismo do seu destino. Aproveita, pois, essas possibilidades que a misericórdia dos deuses coloca ao serviço da tua redenção. Não desprezes o chamamento da verdade, quando soar a hora do testemunho e das renúncias santificadoras... Livia seguirá contigo pela via dolorosa do aperfeiçoamento, e nela encontrará o braço amigo e protetor para os dias de provações ríspidas e acerbadas. O essencial é a tua firmeza de ânimo no caminho escabroso, purificando a tua fé e as tuas obras, na reparação do passado delituoso e obscuro!...

À essa altura, a voz altiva do patricio ia-se tornando angustiada e dolorosa. Amargas comoções íntimas representavam-se-lhe no coração, atormentado por incoercível desalento.

Flamínio Severus ouvia-o com interesse e atenção, rebuscando o meio mais fácil de lhe desvanecer impressões tão penosas. Sentia ímpetos de desviar-lhe o curso dos pensamentos, arrancando-lhe o espírito daquele mundo de emoções impróprias da sua formação intelectual, apelando para a sua educação e para o seu

orgulho; mas, ao mesmo tempo, não conseguia sopitar as próprias dúvidas íntimas, em face daquele sonho cuja nitidez e aspecto de realidade o deixavam aturdido. Compreendia que era necessário restabelecer o seu próprio ânimo fraterno, entendendo que a lógica da brandura deveria ser o escudo de suas palavras, para esclarecimento do amigo que êle mais considerava um irmão.

Foi assim que, pousando a mão esguia e branca nos seus ombros, perguntou com amável doçura:

— E depois, que mais viste?

Públio Lentulus, sentindo-se compreendido, recobrou energias novas e continuou:

— Depois das exortações daquele juiz severo e venerando, não mais lobriguei o vulto de Livia a meu lado. mas, outras criaturas graciosas, envolvidas em péplums que me pareciam de neve translúcida, confortando-me o coração com os seus sorrisos acolhedores e bondosos.

Atendendo-lhes ao apêlo carinhoso, senti que meu espírito regressava á Terra.

Observei Roma, que já não era bem a cidade do meu tempo; um sopro de beleza estava reconstituindo a sua parte antiga, porque notei a existência de novos circos, teatros suntuosos, térmias elegantes e palácios encantadores, que meus olhos não haviam conhecido antes.

Tive ocasião de ver meu pai entre os seus papiros e pergaminhos, estudando os processos do Senado, tal qual se verifica hoje conosco e, depois de implorar a bênção dos deuses, no altar doméstico de nossa casa, experimentei uma sensação de angústia no recesso de minha alma. Pareceu-me haver sofrido dolorosa comoção cerebral e fiquei adormentado numa vertigem indefinível...

Não sei descrever literalmente o que se passou, mas despertei com febre alta, como se aquela digressão do pensamento pelos mundos de Morfeu me houvesse trazido ao corpo dolorosa sensação de cansaço.

Ignoro o teu julgamento, em face desta confidência amargurada e penosa, mas desejaria me explicasses algo a respeito.

— Explicar-te? — obtemperou Flaminio tentando imprimir á voz uma tonalidade de convicção enérgica. Bem sabes do respeito que me inspiram os áugures do tempo, mas, afinal, o que te ocorreu não pode passar, simplesmente, de um sonho e não ignoras como devemos temer a fantasia dentro de nossas perspectivas de homens práticos. Por sonharem excessivamente os atenienses ilustres, transformaram-se em escravos misérrimos, constituindo uma obrigação de nossa parte o reconhecimento da bondade dos deuses que nos concederam o senso da realidade, necessário ás nossas conquistas e triunfos. Seria lícito renunciasses ao amor de ti mesmo e á posição de tua família, tão somente levado pela fantasia?

Públio deixou que o amigo discorresse abundantemente sôbre o assunto, recebendo-lhe as exortações e conselhos, mas, depois, tomando-lhe as mãos generosas, exclamou angustiado:

— Meu amigo, eu seria indigno da magnanimidade dos deuses se me deixasse conduzir ao sabor dos acontecimentos. Um simples sonho não me daria margem a tão dolorosas conjecturas, mas a verdade é que ainda te não disse tudo.

Flaminio Severus franziu o sobrolho, rematando:

— Ainda não disseste tudo? Que significam estas afirmativas?

No seu íntimo generoso, uma dúvida angustiosa fôra já implantada com a descrição detalhada daquele sonho impressionante e doloroso, e era com largo esforço que o seu coração fraternal trabalhava por ocultar ao amigo as penosas emoções que intimamente o atormentavam.

Públio, mudo, tomou-lhe do braço, conduzindo-o ás galerias do toblínio localizado a um canto do peristilo, nas proximidades do altar doméstico, onde oficiavam os afetos mais puros e mais santos da família.

Os dois amigos penetraram o escritório e a sala do arquivo com profundo sinal de respeitoso recolhimento.

A um canto, dispunham-se em ordem numerosos pergaminhos e papiros, enquanto que, nas galerias

avultavam retratos de cêra, de antepassados e avoengos da família.

Públio Lentulus tinha os olhos húmidos e voz trêmula, como se profundas emoções o dominassem naqueles circunstâncias. Aproximando-se de uma imagem de cêra, entre as muitas que aí se enfileiravam, chamou a atenção de Flamínio com uma simples palavra:

— Reconheces?

— Sim, — respondeu-lhe o amigo estremecendo — reconheço esta efígie. Trata-se de Públio Lentulus Sura, teu bisavô paterno, estrangulado ha quasi um século, na revolução de Catilina.

— Faz precisamente noventa e quatro anos que o pai de meu avô foi eliminado nessas tremendas circunstâncias — exclamou Públio com ênfase, como quem está de posse de toda a verdade. Repara bem os traços desta figura para verificares a semelhança perfeita que existe entre mim e êsse longínquo antepassado. Não estaria aqui a chave do meu sonho doloroso?

O nobre patricio observou a notável identidade de traços fisionómicos daquela efígie morta com o semblante do amigo presente. Suas vacilações atingiram o auge, em face daquelas demonstrações alucinantes. Ia elucidar o assunto, encarecendo a questão da linhagem e da hereditariedade, mas o interlocutor, como se adivinhasse os mínimos detalhes de suas dúvidas, antecipou o julgamento, exclamando:

— Eu também participei de todas as hesitações que ferem o teu raciocínio, lutando contra a razão, antes de aceitar a tese de nossas conversações desta noite. A semelhança pela imagem, ainda a mais extrema, é natural e é possível; isso, porém, não me satisfaz plenamente. Expedi, nestes últimos dias, um dos servos de nossa casa, á Taormina, em cujas adjacências possuímos uma antiga habitação, onde se guardava o arquivo do extinto, que fiz transportar para aqui.

E num movimento de quem estava certo de todos os seus conceitos, revirava nas mãos nervosas vários documentos, exclamando:

— Repara êstes papiros! São notas de meu bisaxô,

acêrca dos seus projétos no Consulado. Encontrei nêste acervo de pergaminhos diversas minutas de sentenças de morte, as quais já havia observado nas minhas digressões do sonho inexplicável... Confronta estas letras! Não se parecem com as minhas? Que desejaríamos mais, além destas provas caligráficas? Ha muitos dias, vivo êste obscuro dilema no íntimo do coração... Serei eu Públio Lentulus Sura, reincarnado?

Flamínio Severus deixou pender a fronte, com indifarável inquietação e indizível amargura.

Numerosas haviam sido as provas da lucidez e da lógica do amigo. Tudo conspirava para que o seu castelo de explicações desmoronasse, fragorosamente, diante dos fatos consumados, mas procuraria novas fôrças, afim-de salvaguardar o patrimônio das crenças e tradições dos seus maiores, tentando esclarecer o espírito do compa-nheiro de tantos anos.

— Meu amigo, — murmurou, abraçando-o — concordo contigo, em face dêstes acontecimentos alucinantes. O fato é dos que empolgam o espírito mais frio, mas não podemos arriscar nossas responsabilidades no rumo incerto das primeiras impressões. Se êle nos parece a realidade, existem as realidades imediatas e positivas, aguardando o nosso concurso ativo. Considerando as tuas ponderações e acreditando mesmo na veracidade do fenômeno, não acredito devamos mergulhar o raciocínio nêstes assuntos misteriosos e transcendententes. Sou avêssio a essas perquirições, certamente em virtude das minhas experiências da vida prática. Concordando, de modo geral, com o teu ponto de vista, recomendo-te não estendê-lo além do círculo de nossa intimidade fraternal, mesmo porque, não obstante a propriedade de conceitos com que me dás testemunho da tua lucidez, sinto-te cansado e abatido nêsse torvelinho de trabalhos do ambiente doméstico e social.

Fez uma pausa nas suas observações comovidas, como quem raciocinasse procurando um recurso eficaz para remediar a situação, e exclamou com doçura:

— Poderias descansar um pouco na Ásia Menor, levando a família para essa estação de repouso.

Existem ali regiões de clima adorável, que operariam, talvez, a cura de tua filhinha, restabelendo simultaneamente as tuas forças orgânicas. Quem sabe? Esquecerias o tumulto da cidade, regressando mais tarde ao nosso meio, com energias novas. O atual Procônsul da Judéia é nosso amigo. Poderíamos harmonizar vários problemas do nosso interesse e de nossas funções, porquanto não me será difícil obter do Imperador uma dispensa dos teus trabalhos no Senado, de modo a continuares recebendo os subsídios do Estado enquanto permaneceres na Judéia. Que julgas a respeito? Poderias partir tranquilo, pois eu tomaria a meu cargo a direção de todos os teus negócios em Roma, zelando pelos teus interesses e pelas tuas propriedades.

Públio deixou transparecer no olhar uma chama de esperança e como quem estivesse examinando, intimamente, todas as razões favoráveis ou contrárias á execução do projéto, ponderou:

— A idéia é providencial e generosa, mas a saúde de Livia não me autoriza a tomar uma resolução pronta e definitiva.

— Por que?"

— Esperamos, para breve o segundo rebento do nosso lar.

— E quando esperas esse advento?

— Dentro de seis meses.

— Interessa-te a viagem depois do inverno próximo?

— Sim.

— Pois bem: estarás, então, na Ásia Menor, precisamente daqui a um ano.

Os dois amigos reconheceram que a palestra havia sido longa.

Cessára o aguaceiro. O firmamento esplendia de constelações lavadas e límpidas.

Iniciara-se já o tráfego das carroças barulhentas, gritos pouco amáveis dos seus condutores, porque na Roma imperial as horas do dia eram reservadas, de modo absoluto, ao tráfego dos palanquins patricios e ao movimento dos pedestres.

Flamínio despediu-se comovidamente do amigo, re-

tomando a liteira suntuosa, com o auxílio dos seus escravos decididos e hercúleos.

Públio Lentulus tão logo se viu só, encaminhou-se ao terraço onde corriam céleres as brisas da noite alta.

A' claridade do luar opulento, contemplou o casario romano espalhado pelas colinas sagradas da cidade gloriosa. Espraiou os olhos na paisagem noturna, considerando os problemas profundos da vida e da alma, deixando pender a fronte, entristecido. Incoercível tristeza dominava-lhe o coração voluntarioso e sensível, enquanto uma onda de amor próprio e de orgulho lhe sopitava as lágrimas íntimas, do coração atormentado por angustiosos e doloridos pensamentos.

II

UM ESCRAVO

Desde os primeiros tempos do Império, a mulher romana havia-se entregado á dissipação e ao luxo excessivo, em detrimento das obrigações santificadoras do lar e da família.

A facilidade na aquisição de escravos empregados nos serviços mais grosseiros como nos mais elevados mistérios de ordem doméstica, inclusive os da própria educação e instrução, havia determinado grande quêda moral no equilíbrio das famílias patricias, porquanto, a disseminação dos artigos de luxo vindos do Oriente, aliada á ociosidade, amolecera as fibras de energia e de trabalho das matronas romanas, encaminhando-as para as frivolidades da indumentia, para as intrigas amorosas, a preludiar a mais completa desorganização da família no esquecimento de suas tradições mais apreciáveis.

Contudo, algumas casas haviam resistido heroicamente a essa invasão de forças perversoras e criminosas.

Mulheres havia, no tempo, que se orgulhavam do padrão das antigas virtudes familiares, de quantas as